

---

## INFLUXOS TEOSÓFICOS NA LÍRICA DE FERNANDO PESSOA

Leodegário Amarante de Azevedo Filho  
UFRJ

Como é amplamente sabido, a obra poética de Fernando Pessoa tem sido analisada sob várias perspectivas. Neste breve ensaio, vamos voltar o nosso interesse apenas para o poema "Iniciação", do *Cancioneiro*, edição Aguilar, 1977, p.161. Claro está que não é propósito nosso subordinar a obra poética de Fernando Pessoa à Teosofia, nem se pode deduzir isso do título deste artigo. Além disso, em várias oportunidades, temos firmado a nossa posição inteiramente contrária a qualquer teoria que tome o texto como simples pretexto para longas elucubrações de caráter extraliterário. Com isso, queremos dizer que o compromisso da crítica deve limitar-se apenas à análise do texto, em toda a sua complexidade. Portanto, se não se pode reduzir a literatura a nenhum corpo ideológico ou doutrinário, nem por isso deixará de ser lícito recorrer a elementos subsidiários externos, para a sua análise, desde que possam iluminar a exegese do próprio texto. Nesse caso, incluímos as teorias teosóficas ou rosacrucianas, que visivelmente se transformam em elementos agenciadores da estrutura de vários poemas. Aliás, bem se

---

sabe do interesse de Fernando Pessoa por tais assuntos, pois chegou a traduzir o *Compêndio de Teosofia*, de C.W. Leadbeater para o português, obra publicada em 1915, em Lisboa, pela Livraria Clássica Editora.

Realmente, à luz de princípios teosóficos, como bem mostrou a professora Helena Parente Cunha, num ensaio publicado no 14º número da *Revista Brasileira de Língua e Literatura*, em que cita o prefácio de Murilo Mendes de Azevedo à obra *A voz do silêncio*, de Helena Blavatsky, também traduzida por Fernando Pessoa, vários poemas do *Cancioneiro*, nomeadamente os que buscam a essência profunda do ser, apresentando o mundo como simples ilusão ou aparência, logo adquirem profunda significação poética. E disso nos dá exemplo o poema "Iniciação", em seguida transcrito:

Não dormes sob os ciprestes,  
Pois não há sono no mundo.

.....  
O corpo é a sombra das vestes  
Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte,  
E a sombra acabou sem ser.  
Vais na noite só recorte,  
Igual a ti sem querer.

Mas na Estalagem do Assombro  
Tiram-te os Anjos a capa:  
Segues sem capa no ombro,  
Com o pouco que te tapa.

Então Arcanjos da Estrada  
Despem-te e deixam-te nu.  
Não tens vestes, não tens nada:  
Tens só teu corpo, que és tu.

Por fim, na funda caverna,  
Os Deuses despem-te mais.  
Teu corpo cessa, alma externa,  
Mas vês que são teus iguais.

.....  
A sombra das tuas vestes  
Ficou entre nós na Sorte.  
Não 'stás morto, entre ciprestes.

.....  
Neófito, não há morte.

---

O texto tem sido considerado hermético ou de difícil interpretação por vários críticos, que tentaram analisá-lo sem qualquer recurso a princípios teosóficos. Mas, no poema, entendendo-se por discurso literário o lugar a partir do qual se engendra uma representação, que não exclui a presença de elementos referenciais ou mesmo ideológicos, claramente se percebe um processo de iniciação, em termos esotéricos, instruindo-se o neófito sobre a verdadeira essência do ser. Com efeito, na primeira estrofe já se declara que não há morte entre ciprestes, pois "o corpo é a sombra das vestes/ que encobrem teu ser profundo". Nesse sentido, sempre em termos teosóficos, C.W. Leadbeater observa que o homem não é um corpo provido de alma, mas uma alma que se reveste de vários corpos. A saber:

- 1 - corpo físico;
- 2 - corpo emocional ou astral;
- 3 - corpo mental;
- 4 - corpo intuicional;
- 5 - corpo espiritual;
- 6 - corpo monádico;
- 7 - corpo divino.

O homem não iniciado ou comum pode ir até ao terceiro corpo, não atingindo sequer o corpo intuicional, que também o reveste. Assim, no processo de iniciação, ocorrerá um despojamento gradativo das vestes que encobrem o corpo físico, a partir do corpo emocional, progressivamente, até que o ser atinge a consciência profunda de si mesmo, sempre em contraste com as aparências do mundo exterior. A propósito, veja-se o que escreve C.W. Leadbeater, p.85-86 da obra citada:

Morrer é pôr de parte o corpo físico, mas isso não faz mais diferença ao Eu do que pôr de lado um sobretudo ao homem físico. Tendo posto de parte o seu corpo físico, o Eu continua a viver no seu corpo astral até que se esgote a força que foi gerada pelas emoções e paixões que se deixou ter durante a sua vida na terra. Quanto isso acontece, dá-se a segunda morte: o corpo astral também cai e ele encontra-se vivendo no corpo mental ou no mundo mental. Nessa condição fica até que as forças do pensamento geradas durante as

---

suas vidas física e astral se esgotem; então, por sua vez, deixa cair o terceiro instrumento e fica sendo outra vez um Eu no seu mundo próprio, habitando o seu corpo causal. Não existe, portanto, qualquer coisa que seja "morte", no sentido em que vulgarmente se entende. Há apenas uma sucessão de estágios numa vida contínua - estágios vividos nos três mundos um após o outro.

Portanto, à luz do dado teosófico acima indicado, nas duas estrofes iniciais do poema, há clara referência ao corpo físico e à sua morte ou desagregação, representando esta última o primeiro estágio de despojamento. Na terceira estrofe, ou na Estalagem do Assombro, sempre transitória, reflete-se o corpo emocional ou astral, no momento em que os Anjos tiram a capa, seguindo-se então com o corpo mental apenas. Na quarta estrofe, com a terceira morte, os Arcanjos da Estrada (categoria superior à de anjos) fazem cair o corpo mental, restando apenas o corpo intuicional, sem as vestes anteriores. Na quinta estrofe (e também na sexta), na funda caverna, os Deuses fazem cair o próprio corpo intuicional, cessando a alma externa e identificando-se o ser profundo com a própria substância espiritual ou monádica. E assim, numa seqüência gradativa, chega-se ao verso final, quando é dito ao neófito que "não há morte". Portanto, iguala-se o ser profundo à própria essência divina, confundindo-se com ela.

Sem dúvida alguma, os especialistas em assuntos teosóficos poderiam aprofundar mais ainda a análise, indo além da exegese puramente literária. Em tudo isso, porém, o perigo está em abandonar-se o texto, dele fazendo-se um simples pretexto para divagações esotéricas ou rosacrucianismo. Do ponto de vista exclusivamente literário, acreditamos no recurso subsidiário à Teosofia mas sem exageros de interpretação. Até porque entre a matéria teosófica e o poema logo se instaura um processo de transformação estética, fazendo do texto uma obra de arte literária e não uma página teórica de ciências ocultas. Na verdade, o fenômeno da representação literária, em sua estrutura complexa, tanto pode manipular elementos referenciais, como pode manipular elementos ideológicos, mas sem qualquer redução do texto a uma coisa, ou a outra. Conseqüentemente, a literatura não é um departamento da pura referencialidade ou de qualquer ideologia em si mesma considerada. Em seu caráter compósito, a representação literária

---

pode incorporar várias formas de representação, sem esquecer aqui a mítica e a onírica, ambas de extrema importância. Na poesia de Fernando Pessoa, como na poesia de qualquer grande poeta, é claro que todos esses elementos estão presentes, ressaltando-se aqui os influxos teosóficos em vários poemas do *Cancioneiro*, mas sempre em linguagens essencialmente poética, por força de construções metafóricas, resultantes de condensações latentes, motivadas por deslocamentos manifestos de sentido. É só isso dá aos poemas de Fernando Pessoa uma dimensão verdadeiramente estética.

Concluindo, insista-se em que não se deve confundir ou identificar poesia com teosofia, embora a representação literária possa absorver elementos ideológicos, para transformá-los, sem reduzir-se jamais a nenhum corpo doutrinário, pois isso seria a sua morte.

---

Plano de Consolidação



C A P E S